

A RELEVÂNCIA DOS TIPOS DE CONTEXTO PARA O PROCESSO HISTÓRICO DE CONSTITUIÇÃO DE *PORÉM*

Sanderléia Roberta LONGHIN-THOMAZI¹ (UNESP/FAPESP)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é avaliar o papel dos contextos na explicação de fatos relacionados ao processo de emergência de *porém*, partícula adversativa que ora é qualificada como conjunção coordenativa, ora como advérbio juntivo. Para tanto, reconstruo o percurso histórico-evolutivo do item, a partir de uma amostra que reúne textos em prosa representativos do português arcaico e moderno. Com base na análise das frequências *token* e *type* de *porém*, investigo as correlações existentes entre a tipologia de contextos, a transição das categorias e a constituição do valor adversativo.

ABSTRACT: In this paper, I evaluate the types of contexts that allow explaining facts related to emergence of *porém*, an adversative particle qualified as a coordination conjunction or as a junction adverb. In order to do that, I reconstruct the trajectory of this particle using a historical data sample coming from several types of prose texts representing the archaic and modern Portuguese. Based on *token* and *type* frequency analysis, I investigate correlations between types of contexts, category transitions and constitution of adversative value.

1. Introdução

A maneira como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem no tempo é um tópico que, nas últimas décadas, vem ganhando cada vez mais evidência, graças ao avanço dos estudos em gramaticalização. Entendida como um processo gradual de mudança lingüística, a gramaticalização é, em sentido lato, a efetivação de uma estratégia de busca do sucesso comunicativo, na qual expressões lingüísticas menos gramaticais são usadas, em contextos específicos, para codificar expressões mais gramaticais. Esse “ganho” de gramática tem implicações para os vários componentes da linguagem, porque os itens que experimentam gramaticalização têm suas propriedades morfossintáticas e semânticas alteradas e podem sofrer erosão fonética.

Na literatura especializada, tem havido uma valorização crescente do papel do contexto, sobretudo na explicação da gradualidade na fixação das categorias. Heine (2002), por exemplo, defende que toda a extensão de estágios intermediários nos processos de gramaticalização é acessível na forma de variação contextual sincrônica. Reforçando a interdependência entre sincronia e diacronia, ele argumenta que, se a evolução das categorias gramaticais é, em grande parte, regida pelo contexto, a análise da variação contextual representa uma ferramenta poderosa para a reconstrução dos diferentes estágios de evolução.

É nesse quadro teórico que investigo aspectos da constituição de mecanismos de coordenação no português antigo, mais propriamente do processo histórico de emergência de *porém*, instrumento de coordenação que tem estatuto categorial discutível: tangencia as categorias de advérbio e conjunção.

O *corpus* de investigação compreende uma amostra de textos de gêneros diversos representativos de quatro sincronias do português: séculos XIII ao XVI². Para cada sincronia, selecionei um total de cento e vinte páginas, guardadas as diferenças de tamanho e tipo de letra, bem como de distribuição do texto na página. Quanto à metodologia, nos moldes de Heine (2002), conjugo as abordagens sincrônica e diacrônica: à descrição do fenômeno em cada uma das sincronias estabelecidas seguirá o trabalho de comparação entre essas várias sincronias, com o duplo propósito de apreender a sucessão cronológica dos fatos e de revelar as transformações ocorridas. A descrição da variação contextual sincrônica será mediada pela “frequência” de

¹ Professora do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE/UNESP, de São José do Rio Preto. E-mail: thomazi@ibilce.unesp.br.

² Foram selecionados trechos dos seguintes textos (as siglas indicam o século e a abreviação do título do texto): **Séc. XIII:** A demanda do Santo Graal (13DSG); Foro Real de Afonso X (13FR); Testamento de D. Afonso II (13TDA); Notícia do Torto (13NT); Inquirições de Afonso III (13IA). **Séc. IV:** Crónica Geral de Espanha de 1344 (14CGE); Orto do Esposo (14OE); Primeyra Partida (14PP); Bíblia Medieval Portuguesa (14BMP); Livro das Aves (14LA). **Séc. XV:** Boosco Deleitoso (15BD); Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram (15LO); Crónica D. Pedro I (15CDP); Leal Conselheiro (15LC); Peregrinação (15P). **Séc. XVI:** Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia (16CSD); Historia da prouincia de Sãcta Cruz a que vulgame[n]te chamamos Brasil... (16HSC); Carta dos Primeiros Jesuítas (16CPJ); Um manuscrito náutico seiscentista reencontrado (16MNS); Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel (16CDM) Os Sete Únicos Documentos de 1500 (16OSD).

uso, tal como proposto por Bybee (2003), que entende a repetição como um dos principais fatores na criação da gramática. Segundo a autora, em lingüística, são dois os métodos relevantes para calcular a frequência: (a) a frequência *token* ou textual, que diz respeito à frequência de ocorrência de um item/construção, independentemente de seu significado; e, (b) a frequência *type*, que diz respeito à frequência com que um padrão particular ocorre, podendo ser avaliada por meio da consideração das diferentes funções assumidas pelo item ou construção. Assim, com base na análise das frequências *token* e *type* de *porém*, investigo as correlações existentes entre a tipologia de contextos, a transição das categorias e a constituição do valor adversativo.

2. A pragmática da gramaticalização: o papel do contexto

A formação de conjunções nas línguas é certamente um dos domínios mais produtivos da gramaticalização, visto tratar-se de uma classe de palavras sempre sujeita à renovação (MEILLET, 1912). As pesquisas sobre gramaticalização de conjunções (TRAUGOTT, 1982; TRAUGOTT e KÖNIG, 1991) têm contribuído muito para a ampliação das maneiras de reconstruir as mudanças semântico-pragmáticas que acompanham o processo. Para explicá-las, em geral, os pesquisadores lançam mão de dois mecanismos que captam aspectos diferentes, mas complementares. O primeiro, que é de fundo cognitivo, sustenta que subjacente ao processo há padrões de transferência conceitual que levam dos domínios de experiência humana mais concretos para os menos concretos. Dada a direcionalidade da transferência entre domínios, os processos são descritos como metafóricos. O segundo, que é de fundo pragmático, sustenta que as mudanças por gramaticalização: (a) só ocorrem em contextos lingüísticos apropriados; (b) implicam um aumento do número de contextos em que o item é usado; e, (c) conseqüentemente, provocam um aumento na frequência de uso do item. Dada a importância da contigüidade contextual, esses processos são descritos como metonímicos.

Privilegiando a orientação contextual, Diewald (2002) e Heine (2002), por exemplo, defendem que o desenvolvimento diacrônico de itens gramaticais pode ser descrito por meio de um roteiro de estágios sucessivos, associados a diferentes tipos de contexto. No que segue, apresento o esquema de Heine. Embora o quadro sugira estágios discretos, na verdade, o autor concebe um *continuum* diacrônico, que revela a sucessão de quatro diferentes etapas de desenvolvimento.

Estágio	Contexto	Significado resultante
I. Estágio inicial	Não restrito, natural	Significado fonte*
II. Contexto <i>Bridging</i>	Um contexto específico dá lugar a uma inferência em favor de um novo significado	Significado alvo** em primeiro plano
III. Contexto <i>Switch</i>	Um novo contexto é incompatível com o significado fonte	Significado alvo é o único possível
IV. Convencionalização	O significado alvo não necessita ser sustentado pelo contexto que deu origem a ele, pode ser usado em novos contextos.	Só o significado alvo

(adaptado de Heine, 2002)

* significado fonte: não gramaticalizado, temporalmente anterior;

** significado alvo: significado gramatical novo derivado de um significado fonte

No estágio I, o item fonte aparece no(s) contexto(s) em que tipicamente é usado. No estágio II, um dos contextos em que o item é usado permite uma inferência, que sugere um significado novo, em acréscimo ao significado fonte. Trata-se, segundo Heine (2002), do contexto *bridging*, aquele que se caracteriza pela ambigüidade induzida pragmaticamente. Pode ser entendido como o verdadeiro gatilho da mudança, já que pode dar origem ao significado gramatical convencional. No estágio III, que Heine associa ao contexto *switch*, a leitura em termos do significado fonte é excluída. O significado alvo ganha o primeiro plano e se torna o único disponível, mas ainda tem de ser sustentado por aspectos contextuais. Por fim, no estágio IV, o item é libertado de restrições contextuais. Tem-se a convencionalização propriamente dita.

3. O percurso histórico-evolutivo de *porém*

3.1. Etimologia

Os estudiosos da história da língua portuguesa (SAID ALI, 1964; CÂMARA, 1975; CUNHA, 1986) são unânimes ao afirmar que o português arcaico fez uso da locução prepositiva *porende* e de sua forma abreviada *poren*, ambas filiadas ao advérbio latino *proinde* (< *per inde*). Da fonte adverbial latina, asseguram os autores, *poren*~*porende* preservou o sentido de explicação/conclusão (“por causa disso”, “por isso”). Ali (1964:187), em particular, afirma que *o uso geral deu preferência ao termo mais curto, de modo que porende, cada vez mais raro, acabou por extinguir-se, ficando desconhecido no português moderno*. O autor acrescenta ainda que *poren* sofreu transformações semânticas, nas quais gradativamente deixou de veicular explicação ou conclusão e passou a estabelecer oposição de idéias, tornando-se, mais tarde, uma conjunção adversativa. Resta explicar que contextos propiciaram essas mudanças.

Sobre as mudanças semânticas experimentadas por *poren*, o trabalho de Mattos e Silva (1984) é pioneiro. Ela discute os processos de alteração semântica sofridos por *pero* e *poren* na fase arcaica da língua, mostrando que, embora ambos compartilhem o valor etimológico conclusivo-explicativo, e tenham adquirido com o tempo o valor adversativo, tais processos não se deram simultaneamente.

3.2. Gramaticalização de *porém* e a questão dos contextos

Para cada sincronia, apresento a apuração das frequências *token* e *type*. A frequência *type* é avaliada com base em dois parâmetros: o valor semântico-pragmático do item e seu funcionamento gramatical.

Na amostra do século XIII, a frequência *type* de *poren* (e de suas variantes livres *porende*, *porem*, *porê*), revelou três usos bastante similares do item, dois adverbiais e um conjuncional, conforme o quadro abaixo. Em todos os casos, *poren* tem valor explicativo-conclusivo proveniente do étimo latino.

Qdr. 01: Ocorrências de <i>poren</i> (~ <i>porende</i>) no século XIII			
Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
37 (100%)	03		
	Valor	Função	Totais
	Explicativo-conclusivo	Advérbio juntivo	29 (79%)
	Explicativo-conclusivo	Advérbio correlativo enfático	03 (08%)
	Explicativo-conclusivo	Conjunção coordenativa	05 (13%)

Como advérbio juntivo, há duas situações possíveis para *poren*: na primeira, de que (01) é exemplo, o advérbio segue a conjunção aditiva “e” na coordenação de orações, e, no segundo, de que (02) e (03) são exemplos, o advérbio ocupa diferentes fronteiras de constituintes. Em ambos os casos, o que caracteriza *poren* como advérbio juntivo é a foricidade e a capacidade de estabelecer relações de sentido.

- | | | |
|------|------------------------------------|--|
| (01) | advérbio
juntivo
explicativo | E quando Estor viu que se guisava de batalhar assi a pee como estava, prezou-o mais que ante e esmou que era alguñ dos da Mesa Redonda; e porém quis saber quem era, ante que i mais fizesse. (13DSG:39) [<i>E quando Estor viu que se preparava para lutar assim a pé como estava, prezou-o mais do que antes e pensou que era algum daqueles da mesa redonda; e por isso quis saber quem era..</i>] |
| (02) | advérbio
juntivo
explicativo | E quẽ quer que contra isto ueer ou fazer algũa cousa moira porende e nõ seya leyxado uiuo. (13FR:129) [<i>E quem quer que contra isto veja ou faça alguma coisa morra por isso e não seja deixado vivo</i>] |

(03)	advérbio juntivo explicativo	- Filho Artur, pero eu nom quero que saibam que tu és meu filho, nom te amo eu porem menos, ca eu o leixo a dizer por nom saber o pôboo meu torto e meu pecado... (13DSG:95) [<i>Filho Artur, mas eu não quero que saibam que tu es meu filho, não te amo eu por isso menos, pois eu o omito porque o povo não conhece meu mal feito e meu pecado</i>]
------	------------------------------------	--

Em outro uso, *poren~porende* atua como advérbio correlativo enfático, como é o caso de (04). Nessa categoria, o item depende de uma oração causal/explicativa, com a qual se correlaciona, para exercer a função reiterativa.

(04)	advérbio correlativo enfático	(...) e <u>porque</u> i é onrra de nos e de nossos reynos, porẽ queremos mostrar como se guarden por todo tempo as cousas das eygreyas. (13FR:134) [<i>e porque aqui está nossa honra e de nossos reinos, por isso queremos mostrar como se guardam por todo tempo as coisas das igrejas</i>]
------	-------------------------------------	---

Já o uso conjuncional, conforme exemplo (05), foi atribuído às ocorrências em que *poren~porende* articula unidades gramaticalmente autônomas, ocupa posição inicial e faz remissão ao conteúdo precedente, pesando-o, para então introduzir uma explicação/conclusão.

(05)	conjunção explicativa	Todo saber esquiua nõ saber, ca é escripto que quẽ nõ quis entender nõ quis bem fazer. Porẽ estabelecemos que nenguu nõ pense de mal fazer porque diga ca nõ sabe as leys nen dereyto, qua se fez contra a ley non se pode escusar de culpa por nõ saber a ley. (13FR:140) [<i>Todo saber afasta o não saber, pois está escrito que quem não quis entender não quis fazer bem. Por isso/portanto estabelecemos que ninguém pense em fazer mal porque diz que não sabe as leis nem o direito</i>]
------	--------------------------	--

Nesse período, não há indícios do valor adversativo de *poren*. Os dados revelam que, para a relação de adversidade, a língua dispunha de três partículas: *mas*, *ante* e *pero*, conforme os respectivos exemplos de (06) a (08):

(06)	conjunção adversativa	Quando el viu a batalha, estede por catá-los, mais nom con[h]oceu nenhuũ... (13DSG:08) [<i>Quando ele viu a batalha, parou para observá-los, mas não reconheceu nenhum</i>]
(07)	conjunção adversativa	- Certas, disse o homem boõ, eu nom sei preto daqui abadia nem irmida, ca nom soom desta terra, ante soom de outro lugar estranho. (13DSG:5) [<i>.. De fato, disse o bom homem, eu não conheço perto daqui abadia nem irmida, pois não sou dessa terra, mas sou de outro lugar estranho</i>]
(08)	conjunção adversativa	Depois aveo que adoeceu já quanto [aa] entrada de uũ verão; e uũ dia que siia em seu prado pediu de beber; e alguũs de sua casa que demais seus privados eram, que encobertamente lhe queriam grã mal, g[u]isaram, aaquela hora, peçonha que lhe dessem a beber, pero nom foram tal ousados que lha dessem, mais per Dirac seu filho, que ainda era menino, ca nom havia mais de X anos. (13DSG:19) [<i>... que secretamente lhe queriam mal, prepararam, naquela hora, veneno para que lhe dessem para beber, mas não foram tão ousados...</i>]

Embora os dados do século XIV mostrem um aumento considerável da frequência *token*, não houve aumento da *type*: *poren~porende* mantém estável o valor explicativo-conclusivo. O fato de não ter ocorrências da conjunção nos dados desse período não significa que o item tenha desaparecido.

Qdr. 02: Ocorrências de <i>poren</i> (~ <i>porende</i>) no século XIV			
Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
55 (100%)	02		
	Valor	Função	Totais
	Explicativo-conclusivo	Advérbio juntivo	50 (91%)
	Explicativo-conclusivo	Advérbio correlativo enfático	05 (09%)

A construção mais freqüente nessa sincronia é aquela em que o advérbio juntivo co-ocorre com o coordenador *e*, como em (09). No exemplo (10), apresento um caso de advérbio correlativo.

- | | | |
|------|-------------------------------------|---|
| (09) | advérbio
juntivo
explicativo | Uergõha he hũa das nobre<s> cousas que o homẽ ha en ssy naturalmẽte pera guardarsse de errar. E porende esta nõna deue a auer pera fazer bẽ, mays pera partisse do mal. (14PP:131) [<i>A vergonha é umas das coisas nobres que o homem tem em si naturalmente para se resguardar de errar. E por isso esta não deve existir para fazer o bem, mas para se separar do mal</i>]. |
| (10) | advérbio
correlativo
enfático | Contado avemos ja ã os prymeiros cadernos deste livro, onde falla das poboações das terras, como e por que razõ foy chamado Portugal. Mas, <u>por que</u> os que leessem ã este logar e nõ em aquelle outro ficariam dovidosos, porẽ queremos aqui dizer algũa cousa como foy achado este nome. (14CGE:5) [<i>Temos contado já nos primeiros cadernos deste livro, que fala de povoações e de terras, como e por que razão foi chamado Portugal. Mas, porque os que lessem neste lugar e não naquele outro ficariam duvidosos, por isso queremos aqui dizer alguma coisa sobre como foi achado esse nome</i>] |

Contudo, o dado mais relevante desse período é a descoberta de um contexto em que *poren* é correlativo enfático não de uma construção causal, mas de uma concessiva, como mostra (11). Nesse exemplo, *poren* é ambíguo, prestando-se tanto a uma leitura causal/explicativa (“por isso”), quanto a uma leitura adversativa (“apesar disso”). Sugiro que esse contexto contrastivo, característico das concessivas, aliado à ocorrência de negação, pode ter pressionado *poren* a assumir o valor adversativo.

- | | | |
|------|-------------------------------------|---|
| (11) | advérbio
correlativo
enfático | E dise-lhe o tirãno que, se nõ cessasse de chamar o nome de Jhesu, que lhe mãdaria talhar a língua, e dise-lhe Sancto Ignácio: <u>Posto que me talhes a língua</u> , nõ cessarey poren de chamar o nome de Jhesu, porque o tenho scripto emno meu coraçom. (14OE:10) [<i>E disse-lhe o tirano que se não parasse de chamar o nome de Jesus, que mandaria cortar-lhe a língua, e disse-lhe Santo Inácio: ainda que me cortes a língua, não pararei por isso/ apesar disso de chamar o nome de Jesus</i>] |
|------|-------------------------------------|---|

Os dados do século XV revelam uma expansão dos contextos em que *poren* é empregado. O aumento da frequência *type* indicia gramaticalização, visto que são ampliados os contextos em que o item é usado. O quadro 03 mostra a coexistência de seis acepções de *poren*:

Qdr. 03: Ocorrências de <i>poren</i> (~ <i>porende</i>) no século XV			
Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
63 (100%)	06		
	Valor	Função	Totais
	Explicativo-conclusivo	Advérbio juntivo	36 (57%)
	Adversativo	Advérbio juntivo	03 (05%)
	Explicativo-conclusivo	Advérbio correlativo enfático	01 (02%)
	Adversativo	Advérbio correlativo enfático	04 (06%)
	Explicativo-conclusivo	Conjunção coordenativa	10 (16%)
	Adversativo	Conjunção coordenativa	09 (14%)

Um dos fatos mais importantes desse período é o de que o advérbio correlativo enfático já aparece sem ambigüidade, exclusivamente com a leitura adversativa (“apesar disso”), como é o caso do exemplo (12). O contexto continua aquele de construção concessiva, mas não há negativa explícita e nem é possível recuperar o significado do item fonte. O exemplo (13), por sua vez, ilustra um caso de advérbio juntivo adversativo.

- | | | |
|------|---|---|
| (12) | advérbio correlativo enfático adversativo | Este Rei acreçentou muito nas comtias dos fidallgos, depois da morte del Rei seu padre, ca nom <u>embargando</u> que el Rei Dom Affonso fosse comprido d’ardimento e muitas bomdades, tachavam-no porem de seer escasso e apertamento de grandeza. (15CDP:64) [... <i>embora o Rei Dom Afonso fosse bem dotado de coragem e de muitas bondades, tachavam-no apesar disso de ser escasso e mesquinho</i>] |
| (13) | advérbio juntivo adversativo | E aquesto foi começo de minha cura, por que, sentido ella, leixei de sentir a mim (...) Porém depois aturei com a dicta doença acerca de três anos, nom tam aficado, mas cada vez melhorando, nunca porem sentindo huu soo prazer chegar ao coração livremente, como fazia ante. (15LC:52) [... <i>porém depois aturei a dita doença cerca de três anos, não tão afetado, mas cada vez melhorando, nunca contudo sentindo um só prazer chegar ao coração livremente, como fazia antes</i>] |

Mais próximo de um protótipo de conjunção coordenativa adversativa está a ocorrência em (14), na qual *poren* põe em contraste constituintes que se equivalem do ponto de vista semântico, mesmo com a diferença de estatuto sintático. Desse modo, a pesquisa não deixa dúvidas de que o valor adversativo é realmente mais tardio, o que corrobora o estudo de Mattos e Silva (1984).

- | | | |
|------|-----------------------|---|
| (14) | conjunção adversativa | A Purtugal forom tragidos Álvaro Gomçallvez e Pero Coelho, e chegarom a Samtarem omde el Rei Dom Pedro era; e el Rei, com prazer da sua viimda, porem mal magoado porque Diego Lopes fugira, os sahiu fora a receber, e sanha cruel sem piedade lhos fez per sua mão... (15CDP:98) [<i>A Portugal foram trazidos Álvaro Gonçalves e Pero Coelho, e chegaram a Santarém onde o Rei Dom Pedro estava; e o Rei, com prazer pela sua vinda, mas magoado porque Diego Lopes fugira, saiu fora para recebê-los</i>] |
|------|-----------------------|---|

Os dados do século XVI, como indicado no quadro abaixo, evidenciaram que o valor adversativo de *poren* (*porende* já não aparece mais) é crescente - a soma equivale a 69% dos casos – enquanto o valor etimológico sofre um recuo. Na seqüência, há exemplos representativos.

Qdr. 04: Ocorrências de <i>poren</i> no século XVI			
Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
32 (100%)	04		
	Valor	Função	Totais
	Explicativo-conclusivo	Advérbio juntivo	10 (31%)
	Adversativo	Advérbio juntivo	12 (38%)
	Adversativo	Advérbio correlativo enfático	02 (06%)
	Adversativo	Conjunção coordenativa	08 (25%)

- | | | |
|------|---|---|
| (15) | advérbio juntivo explicativo | Respondendo a outra questam digo que he trabalhosa coufa prouar-se hũa lingoa ser mihor que outra: e porem dizem estes físicos e outros letrados a q chamão Mullaas, que as obras dauicena, e Galeno, e dos filosofos gregos, e as do falso profeta erão escritas em lingoa da Syria e a estouta lingoa da nossa Africa chamão bárbara... (16CSD:20) [<i>respondendo a outra questão digo que é coisa trabalhosa provar uma língua ser melhor do que outra: e por isso dizem estes físicos e outros letrados a que chamam Mulas, que as obras...</i>] |
| (16) | advérbio juntivo adversativo | He bom hir afastado da costa pelo menos 2 legoas, e indo assy por 10 e 14 braças parte lama parte area depreça descobriras as duas primeiras ylhetas da 9 [sic] do Corpo de Deus, todas pequenas, sem agoa e gente, proueitosas porém pela muita tartaruga que nellas se pesca em Janeiro, Fevereiro, Março e Abril. (16MNS:333) [<i>É bom ir afastado da costa pelo menos duas léguas, e indo assim por 10 e 14 braças...descobrirás as duas primeiras ilhotas do Corpo de Deus, todas pequenas, sem água e gente, proveitosas contudo pelas muitas tartarugas que se pescam nelas em janeiro, fevereiro, março e abril</i>] |
| (17) | advérbio correlativo enfático adversativo | (...) porque como diz o filosofo, q <u>ainda que</u> filosofar he mihor em si que enriquecer, porem que ao necessitado mihor he enriquecer: e porque estes o serião, quizerão primeiro enriquecer que filosofar... (16CSD:3) [<i>porque como diz o filósofo, ainda que filosofar seja melhor do que enriquecer, contudo ao necessitado é melhor enriquecer</i>] |
| (18) | conjunção adversativa | No tempo dos ponentes he muy quieto e abrigado porém nos dos leuantes disem que he sogeito a grandes mares por onde neste tempo seraa mihor surgir ao longo do lado daloeste. (16MNS:327) [<i>No tempo dos poentes é muito quieto e protegido mas nos dos nascentes dizem que está sujeito a grandes mares por onde neste tempo será melhor surgir ao longo do lado oeste</i>] |

Em suma, o estudo de *porém* na sucessão de sincronias revelou que, por longo tempo, o item preservou seu valor etimológico explicativo/conclusivo, e que a diferença entre os usos estava restrita à fluidez entre os estatutos de advérbio e de conjunção. Só no material do século XV, momento em que houve expansão máxima de contextos, é que *porém* assume o valor adversativo, favorecido inicialmente por determinado tipo de contexto.

3.3. Aplicação do modelo de Heine (2002)

Uma proposta preliminar de “reinterpretação induzida pelo contexto” para *porém*:

Estágio	Contexto	Significado resultante
I. Estágio inicial <i>coexistência de usos (século III)</i>	(a) <i>porém</i> é advérbio fórico juntivo, que participa da coordenação de orações, ora seguindo a conjunção <i>e</i> , ora ocupando diferentes fronteiras de constituintes. (b) <i>porém</i> é advérbio enfático que se correlaciona com orações de causa/explicação. (c) <i>porém</i> é conjunção coordenativa.	explicativo-conclusivo
II. Contexto <i>Bridging</i> <i>(século XIV)</i>	(a) <i>porém</i> é correlativo enfático de uma construção concessiva. Pode vir precedido por partícula negativa. Esse contexto permite inferência de um sentido novo.	ambigüidade: explicação (significado fonte) vs adversidade (significado alvo)
III. Contexto <i>Switch</i> <i>(século XV)</i>	(a) <i>porém</i> é advérbio correlativo enfático em construções concessivas, sejam elas negativas ou afirmativas. Incompatível com o significado fonte.	adversidade (<i>mas, contudo, entretanto</i>)
IV. Convencionalização <i>(século XV)</i>	(a) <i>porém</i> é um misto de advérbio juntivo e conjunção adversativa. Não requer mais os contextos de concessão ou de negação.	Adversidade

4. Conclusão

Este trabalho focalizou a relevância da reinterpretação baseada no contexto para a explicação dos processos de mudança lingüística. A análise tal como apresentada aqui também serviu para reforçar a hipótese de que as conjunções de coordenação têm uma origem por excelência: são criadas preferencialmente a partir de advérbios pronominais que, além de exprimirem circunstâncias, atuam como mecanismos de coesão, ligando partes do texto e estabelecendo relações de sentido (PAUL, 1886; MEILLET, 1912; BALLY, 1944; MITHUM, 1988). Desse ponto de vista, a conjunção coordenativa resultante se caracteriza por um duplo movimento de retorno e avanço, ou seja, retoma uma porção de informação anterior, conferindo-lhe alguma especificidade, e então dá sequência ao discurso, estabelecendo novas relações de sentido.

5. Referências bibliográficas

- ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique historique*. 4.ed. Berne: Éditions Francke, 1965[1944].
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (eds) *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.
- CÂMARA, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro, 1975.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I. (ed) *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I. (ed) *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- MATTOS e SILVA, R. V. Pero e Porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa. *Boletim de Filologia*, Vol. II, Tomo XXIX, fasc. 1-4, Lisboa: Centro de Lingüística de Lisboa, 129-151, 1984.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.
- MITHUN, M. The grammaticization of coordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Orgs) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.
- PAUL, H. *Prinzipien der sprachgeschichte*. Tradução portuguesa de Maria Luiza Schemann: *Princípios Fundamentais da História da Língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1886.
- TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W., MALKIEL, Y. (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, pp.245-271, 1982.
- TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. "The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited". TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.